

MEMÓRIAS QUILOMBOLAS manifestações artísticas e patrimônios culturais de Itacaré/BA

QUILOMBO MEMORIES artistic manifestations and cultural heritage of Itacaré/BA

249

João Vítor Ferreira Nunes

Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3066-6623>

Vitória Santos dos Santos

Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID40213

Resumo

Neste artigo, apresentamos vivências em manifestações artísticas, de origem quilombola, presentes do município de Itacaré (BA). Os mais velhos, a partir da contação de histórias, acabaram facilitando a preservação das memórias, e que tão logo se tornaram patrimônios culturais do município, mais precisamente do quilombo Porto de Trás, que resiste há mais de 287 anos. O objetivo central dessa pesquisa é recontar as histórias e desvelar as manifestações artísticas e patrimônios culturais, por vezes, usurpadas cognitivamente e culturalmente por pessoas brancas, quais sejam: *O Rancho do Bicho e do Caçador*, e da *Lavagem do Porto de Trás*. A metodologia empregada partiu de revisões bibliográficas, como também da realização da Pesquisa de Escuta, em contexto de alteridade, para então apresentar a resistência do povo preto do Sul da Bahia. Por fim, buscamos veicular como a cultura negra têm proporcionado encontros de saberes, trocas de histórias orais e valorização das identidades e vivências afro-brasileiras.

Palavras-chave: Manifestação Artística Negra, Arte Quilombola, Encontro de Saberes, Histórias Orais.

Abstract

In this article, we present experiences in artistic manifestations of quilombola origin, present in the municipality of Itacaré (BA). The elders, through storytelling, ended up facilitating the preservation of memories, which soon accumulated as

cultural heritage of the municipality, more precisely of the quilombo Porto de Trás, which has resisted for more than 287 years. The main objective of this research is to retell the stories and reveal the artistic manifestations and cultural heritage, sometimes usurped cognitively and culturally by white people, namely: Rancho do Bicho e do Caçador, and Lavagem do Porto de Trás. The methodology used was based on bibliographical reviews, as well as the carrying out of the Listening Research, in a context of alterity, to then present the resistance of the black people of the South of Bahia. Finally, searches conveyed as black culture provide encounters of knowledge, exchanges of oral stories and appreciation of Afro-Brazilian identities and experiences.

Keywords: Black Artistic Manifestation, Quilombola Art, Meeting of Knowledge, Oral Stories.

Introdução – A cultura negra de Itacaré, resiste!

Cresci ouvindo as histórias contadas pelo meu pai, Anadilson Rocha dos Santos, e minha mãe, Gildete Rosa dos Santos, minhas avós Maria de Lourdes Rosa dos Santos (*in memoriam*) e Adaite Honorata da Rocha, minha tia, Avanildes Santos Reis, como também pelos mais velhos do quilombo, Antonia Honorato da Rocha, Antonio Silva da Cruz e Dona Romana (*in memoriam*). Essas relações foram solidificadas pela escuta, onde havia também uma constante troca de saberes entre eu e essas pessoas. Trocas essas que me fizeram entender, desde muito cedo, quem eu era e de onde vinha. O encontro de saberes é essencial para que nas trocas retroalimentativas possamos conhecer um pouco mais sobre nós mesmos, e assim aprender a partir de uma respeitosa escuta.

Desde de sempre, meus pais faziam questão de dedicar um horário à noite para contar histórias para mim e meus irmãos, Naã Santos e Fernando Reis. Eu sempre ficava fascinada pelas histórias. Uma coisa que chamava muita minha atenção eram as vozes firmes e cheias de emoção que narravam. Eram contos sobre a infância deles, lendas urbanas, sobre encantados e espíritos da natureza. Recordo-me de um momento da infância, onde eu e meu pai estávamos pescando de canoa e ele contou a história do Nego D'água. Eu fiquei empolgada para ouvir,

mas com medo da aparição daquele ser, naquele momento. Conta-se a lenda que o Nego D'água surge nas redes dos pescadores, e quem conseguir abrir a mão dele ficará rico, mas quem não conseguir, a embarcação afundará, pois, o Nego D'água é um velho de ouro, bem pesado.

Histórias desse tipo eu ouvia com olhos arregalados, absorvendo cada palavra como se fossem segredos, e sempre que me contavam alguma história eu imaginava como aconteceu. Viajava sem sair do lugar. Uma rotina que é natural no quilombo que faço parte, são as crianças e adultos conversando, e era dessa forma que eu ouvia muitas histórias e músicas. Passar adiante as histórias, músicas e tradições através da oralidade sempre foi a marca de pessoas pretas, indígenas e quilombolas, e isso vem nos fortalecendo desde o período da escravização.

Hoje, adulta, essas mesmas histórias ganham um novo significado. O que antes causava uma festa de imaginação na minha cabeça, agora é muito mais do que um registro simbólico. Sinto um misto de nostalgia e responsabilidade, pois percebo que, ao ouvi-las, também me torno guardiã dessas memórias coletivas.

As vozes dos mais velhos carregam uma força que me atravessa. Suas palavras não são apenas passado, mas também ensinamentos para o presente e o futuro. Hoje, sei que meu papel não é apenas ouvir, mas também contar, para que essas histórias nunca se percam com o passar dos tempos. A partir disso, culmino do pensamento da pesquisadora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em *O perigo de uma história única* (2019), que afirma:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despertar a dignidade de um povo, mas também reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).

Ainda sobre histórias e memórias, noto que a identidade para pessoas pretas e indígenas dentro do Brasil é algo imensamente importante devido às várias situações de silenciamento e invisibilidade experienciadas desde a nefasta invasão e colonização. Pensando nisso, desejo me apresentar um pouco, para contextualizar quem me lê. Me chamo xxxxxxxx, tenho 24 anos, sou nascida e

criada no Quilombo urbano do Porto de Trás, em Itacaré, município da Bahia. Itacaré tem cerca de 30 mil habitantes, tendo sido erguido totalmente por quilombos há mais de 287 anos. Uma das várias regiões com muita resistência dentro do Nordeste.

Alinhado a esse traçado das histórias e memórias brevemente apresentadas aqui, aponto que não há como negar que o Brasil é cercado por manifestações culturais de origem popular, muitas delas fomentadas por pessoas negras e indígenas, que fazem parte, há séculos, das tradições de comunidades. Com isso, podemos observar que a memória se encontra diretamente ligada a preservação dos patrimônios culturais e influencia a vida das pessoas, possibilitando momentos de trocas retroalimentativas. A partir disso, culmino do pensamento do professor João Vítor Ferreira Nunes, que nos aponta:

[...] costume pensar que as memórias estão em nós arraigadas para além da ocupação de um grande lugar em nossa consciência/inconsciente, mas vale salientar que elas estão, também, em toda nossa pele, percorrendo em nosso sangue, cravadas em nossas unhas. Podemos dizer que as memórias e histórias também são corpos que vivem. Por isso, o motivo é que as narrativas se emaranham, se retroalimentam e vão se metamorfoseando ao longo das contações. Assim, faz-se mister apontar que em nossas memórias há tradições, costumes e feitura oriundas de nossas antepassadas (NUNES, 2022, p. 64).

Na cidade que nasci e me formei mulher, Itacaré, não é diferente. Temos histórias, memórias e tradições, contudo, não tão conhecidas e valorizadas mundo afora, como outrora ocorreu e ainda ocorre com culturas europeias. De certo modo, a valorização de nossas manifestações culturais é mais local, por vez regional. Resistimos, há tempos, com algumas manifestações populares, como por exemplo *O Rancho do Bicho e do Caçador*, como também com a tradição da *Lavagem do Quilombo Porto de Trás*. Ambas as manifestações foram tombadas em Itacaré e vem sendo valorizadas e reproduzidas há séculos pelos próprios residentes do município e região. Tornou-se atividades culturais que fazem parte de nosso calendário local. Ou seja, o nosso ano só se inicia, de fato, após essas vivências nas ruas.

Essas manifestações eu também ouvia de meus familiares e vizinhos, suas lendas e narrativas, até compreender que aquilo que foi vivido anteriormente estava arraigado em nossa cultura, transformando-se em atividades do quilombo. Ainda partindo da perspectiva das manifestações culturais de Itacaré, costumamos dar seguimento em formato de festejos por termos identificado nessas manifestações muita potência, como por exemplo, a nossa própria identidade e maneira de manifestar. Uma criação popular que partiu dos próprios quilombolas, passadas de geração em geração.

Costumo pensar que possuímos uma identidade cultural única, que só há em Itacaré. Ou seja, em nenhum outro lugar do mundo - não que saibamos - se festeja o *Rancho do Bicho e do Caçador*. Desse modo, há músicas, danças, brincadeiras, culinárias, e mantemos nossa cultura viva por acreditarmos na contação de histórias e sua preservação. Buscamos reproduzir os festejos anualmente para então valorizar os saberes de nossos ancestrais, sendo este um verdadeiro legado deixado para nós, Itacareenses. Assim, mantemos as memórias, histórias e chamas acesas em nosso município.

A pesquisadora Paula Piva Linke aponta que,

[...] a cultura é tratada como um processo dinâmico, que agrega valores e se modifica com o passar do tempo. A memória é vista como uma ferramenta que mantém viva a tradição, ela é transmitida às próximas gerações e o restante da comunidade para que novas pessoas assumam a responsabilidade de continuar a encenar o rito. O conceito de patrimônio apresenta-se como um elemento formador de identidade e valores, como forma de valorizar as práticas culturais, práticas estas que devem ser criadas e recriadas por aqueles que dela participam (LINKE, 2011, p. 01).

Neste artigo, tivemos como objetivo apresentar um pouco das memórias e histórias do povo quilombola do Sul da Bahia, e assim buscar manter a tradição viva não apenas dentro da comunidade, mas também sendo fomentada nas academias. Enquanto pesquisadora e quilombola, minha trajetória é marcada pela resistência, pela valorização dos saberes ancestrais e pela construção de conhecimentos que dialogam com a vivência do meu povo. Minha pesquisa não é apenas acadêmica; ela é um compromisso com a memória, a cultura e os modos

de vida das comunidades quilombolas. Busco trazer visibilidade às narrativas que foram historicamente silenciadas e distorcidas, promovendo o reconhecimento da sabedoria ancestral como fundamento para o presente e o futuro. Trata-se de uma caminhada coletiva, pois cada descoberta é também um fortalecimento para a luta do meu povo. A pesquisa, para mim, é uma ferramenta de transformação, de afirmação indenitária e de justiça social.

A partir desses escritos, tivemos como objetivo específico criar meios de documentar os relatos colhidos por mim, ouvindo a contação dos moradores, sendo os mais velhos e velhas, como também os mais novos, suas vivências e sentimentos em relação a manifestação do *Rancho do Bicho e do Caçador*, presente nas ruas da cidade de Itacaré (BA). Entretanto, para dar seguimento a essa documentação, acabei por adotar a metodologia da Pesquisa de Escuta, sendo ela reconhecida como uma jornada que acontece em campo, em contexto de alteridade, confabulada pelo professor doutor João Vítor Ferreira Nunes em fase de doutoramento em Artes na UDESC. Com isso,

A jornada da Pesquisa de Escuta busca valorizar as trocas que ocorrem por meio da oralidade, tal como faziam/fazem os *Areôtores*, indígenas mato-grossenses, compartilhadores de narrativas, segundo o poeta Lobivar Matos, bem como os *Griots*, contadores de histórias Africanos Ocidentais. Esses arautos vieram resistindo ao longo dos tempos, passando através da oralidade os seus saberes, costumes, histórias e meios de resistência. Nossos antepassados contribuíram a seu modo para o desenvolvimento dos mundos e, respectivamente das culturas. Ultrapassando as barreiras do silenciamento, das tentativas de invisibilidade e negação de suas existências (NUNES, 2021, p. 63).

Entende-se por Pesquisa de Escuta o ato de ouvir pessoas que possuem histórias orais a serem contadas, a fim de documentar e levar, a posteriori, para a cena performativa, e essa experiência será apresentada ao longo do texto. Sua metodologia de pesquisa é calcada nos saberes dos ancestrais, *griots* e *areôtores*, que tinham e têm o hábito de contar e ouvir histórias. Concomitante a isto, justifico que, documentar essas histórias e memórias, de modo geral a tradição, é essencial para o povo de Itacaré, uma vez que com o

passar dos anos estamos notando uma grande dificuldade em manter essa manifestação ativa por falta de pessoas para darem continuidade.

Enquanto uma pessoa que nasceu se criou em Itacaré, buscarei fomentar esse material para as futuras gerações, para que percebam que nossa história e memória tem valor. Assim, escrevo esse material como autora e autoridade de minhas histórias, como nos apontou a pesquisadora Grada Kilomba em *Memórias da plantação* (2021).

Desenvolvimento - Onde tudo começou: O Rancho do Bicho e do Caçador

A criação da tradição popular do *Rancho do Bicho e do Caçador*, ao certo, não conseguimos datar quando ocorreu, nem mesmo o seu mês, devido às inúmeras situações de invisibilização, silenciamentos e tentativas de apagamento da história enfrentadas ao longo dos séculos. O que posso afirmar é que, essa manifestação cultural já existe há mais de 200 anos em Itacaré. Ou seja, antes mesmo de minha bisavó Rosa Amélia dos Santos existir.

As pessoas que criaram essa manifestação popular não deixaram qualquer registro devido à falta de costume de documentar suas vivências. E que não vejamos isso como uma provável falta de interesse, mas sim de oportunidades de acessarem lugares de poder, como as instituições de ensino. Em resumo, não era tão comum encontrar pessoas quilombolas que sabiam ler e escrever. Atrelado a isto, a pesquisadora Leda Maria Martins afirma que a civilização da escrita, do livro, se impunha como se fosse a única verdadeira e universal em seu desejo de dominação e de hegemonia, e visava ao desaparecimento simbólico ou literal do outro, seu apagamento (MARTINS, 2021), e deixar pessoas racializadas fora das instituições de ensino sempre foi uma maneira de as excluir da sociedade. Mas não esperavam que encontrássemos outros modos de resistência que envolviam o saber, que passaríamos os conhecimentos por meio das trocas pela oralidade.

Posso afirmar que a tradição do *Rancho do Bicho e do Caçador* passou a fazer parte do patrimônio cultural da comunidade quilombola do Porto de Trás, em Itacaré, por volta do ano de 1902.

Ao que me foi dito e ensinado, a partir da contação de histórias orais, tudo se originou quando Itacaré ainda era um povoado habitado por descendentes de negros escravizados e indígenas que moravam na comunidade. Itacaré, naquela época, tinha apenas a mata como vias para os outros povoados/quilombos, pois não existiam estradas como habitualmente vemos hoje. Havia trilhas feitas no meio das florestas.

Este povoado sobrevivia, basicamente, da pesca e da caça. Os homens, por sua vez, saíam para caçar todas as noites e, quando voltavam para suas casas começavam a dizer que tinham avistado por entre as matas uma espécie de bicho enorme, contudo, não sabiam ao certo que tipo de bicho era aquele. Ou seja, nunca tinham visto qualquer animal semelhante para poder comparar. Mas diziam que esses encontros entre Bichos e Caçadores estavam ficando cada vez mais frequentes, e foram se repetindo por muitos anos dentro das matas.

Essa história popular foi sendo passada de geração em geração, na relação corpo a corpo, como faziam os antepassados negros e indígenas. A contação dessa e outras histórias foram partilhadas, inicialmente, à luz de fogueiras, já que naquela época não existia energia elétrica na região. Vejamos que essa prática era comum entre os povos indígenas e africanos: partilhar histórias ao redor de uma fogueira, sob a luz do luar, entre as matas escuras e fechadas. Em Itacaré, também perdurou essa tradição por muitos anos.

A partir do desenvolvimento, os povoados/quilombos começaram a se formar e assim abrir estradas, vias de acesso para outros municípios. Nessa transformação, podemos apontar também o surgimento de fazendas de cacau. E não há como negar que esse progresso, embora positivo, ameaçava que as histórias de nosso povo fossem esquecidas, uma vez que a população foi aumentando, sobretudo por fazendeiros que não pertenciam a nossa região.

Pensando nessa outra possibilidade de apagamento, foi então que um senhor, por nome desconhecido, notou as lacunas e transformou as narrativas contadas pelos caçadores em uma manifestação cultural da cidade, e intitulou como *Rancho do Bicho e do Caçador*. E, mesmo com a passagem de tanto tempo, com o desenvolvimento local, a história continuou sendo contada para as novas gerações, cuja intenção era preservar os saberes dos ancestrais. E não foram contadas apenas da relação corpo a corpo, mas também no formato cultural, com danças, músicas, brincadeiras e passeatas pelas ruas, uma verdadeira Arte, encontros e trocas de saberes.

São três personagens no jogo/dança, interagindo entre si, cada um com suas características físicas, como por exemplo, o caçador vestido com roupas de caça: calça, casaco, botas e usa como defesa uma espingarda e um facão de madeira, tal qual representado na imagem abaixo.



IMAGEM 1 - Performance do Caçador.
Fotógrafa: Itacaré Urgente, 2022.

Para dar sustentação ao jogo/dança, há dois bichos quem brincam com o caçador. Por falar em suas indumentárias, suas vestimentas são uma manta grande e pesada, feita com sacos de farinha e retalhos de tecidos, ou mesmo

sacolas para dar volume e assim parecerem maiores, mais assustadores. Eles portam um cesto nas costas, onde se encaixa um rabo feito de retalhos de panos.



IMAGEM 2 - Indumentárias dos Bichos.
Arquivo pessoal da artista-pesquisadora, 2025.
Fotógrafa: Vitória Santos.



IMAGEM 3 - Os bichos sendo vestidos.
Fotografia: Vitória Santos, 2025.



IMAGEM 4 - Os bichos e o caçador.
Fotografia: Itacaré Urgente, 2022.

Como se transformou em uma manifestação cultural, ainda no passado ficou decidido que todos os anos, no dia 6 de janeiro de cada ano, o pessoal que fazem parte do quilombo Porto de Trás, iriam sair às ruas, mantendo o rito de passagem vivo. Com isso, o caçador e os bichos saem às ruas de Itacaré para fazerem visitas em algumas casas, como manda a tradição da festa de Reis.

Vale citar os nomes dos guardiões, ou seja, de quem esteve à frente da organização do Rancho do Bicho e do Caçador, sendo eles/a, Aleodilson Honorato da Rocha (*in memoriam*), que zelou pela tradição por muitos anos, bradando a importância de mantê-la viva para além do imaginário. Atualmente, a guardiã é Cláudia Conceição da Rocha, com apoio da comunidade. Essas pessoas foram e são importantes por ajudarem a preservar a memória, história e o legado dos antepassados latentes dentro da cidade de Itacaré.

A manifestação cultural do Rancho do Bicho e do Caçador, na cena

Trata-se de uma luta transformada em dança entre 2 bichos e 1 caçador, onde a comunidade faz uma grande roda de samba (samba de terreiro), até o momento da grande luta. Após um longo processo de interação, começam a dança-luta entre os bichos e o caçador, ao som de timbal, instrumento de percussão, palmas e o canto, sendo visto como tradicional que atrai os bichos até o caçador:

Caçador, é vem caçador...

Cantasse até o momento em que o caçador termina de fazer todos os movimentos, que inicialmente ele passa o facão de madeira em volta da grande roda abrindo o espaço e interagindo com as pessoas. Ele refaz todo o processo da chegada para a caça na mata. Logo, sentasse à beira do rio e bebe água – coloca-se uma bacia com água. O caçador amola o facão, fuma seu charuto e, em seguida, a comunidade começa a chamar os bichos cantando:

Bicho, é vem caçador...

O canto permanece durante toda a luta dançada, os bichos dançam entre si e em volta do caçador. Para finalizar, canta-se:

Mata ele, caçador...

A música é uma forma de narrar todo o processo da dança/luta, como uma suposta guiança das ações físicas que são realizadas pelos personagens. Logo em seguida, a manifestação sai cantando e dançando entre as ruas da cidade, fazendo as paradas obrigatórias nas casas escolhidas dias antes. São as casas das famílias que desde de o início da manifestação estiveram juntas, como também há aquelas casas/famílias que desejam receber a visita do *Rancho do Bicho e do Caçador*.

Abaixo, a música que é cantada ao longo do cortejo:

Ó lua, ó lua, ó lua, lua, lua, venha vê o (nome do bicho), que saiu a passear (bis)

O (nome do bicho) está na rua com prazer e alegria.

Ó lua, ó lua, venha vê o (nome do bicho) que saiu a passear (bis)

*Sete e sete são quatorze, com mais sete vinte um, tenho sete amor no mundo,
não me caso com nenhum.*

Ó lua, ó lua, lua venha vê o (nome do bicho) que saiu a passear (bis)

O (nome do bicho) está na rua com prazer e alegria.

*Já vem a lua saindo por detrás da bananeira, não é lua não, é prata, é a bandeira
brasileira*

Ó lua, ó lua, lua venha ver o (nome do bicho) que saiu passear (bis).

Assim que completa todo seu roteiro, os manifestantes e brincantes da cultura popular retornam para a comunidade, e como saudação final os bichos e o caçador dançam o samba duro (samba de terreiro), dando continuidade a essa grande festa, com todos juntos.



IMAGEM 5 - Samba Duro.
Fotografia: Itacaré Urgente, 2022.

Lavagem do Porto de trás

Outra manifestação que virou patrimônio da cidade, e que acontece anualmente em Itacaré, é a *Lavagem do Porto de Trás*, que, no ano de 2000, quando se ‘comemorava’ os 500 anos da invasão - aos que dizem descobrimento - do Brasil, pensaram em ‘festejar’ essa data ‘tão marcante’ para o povo afro-brasileiro e indígenas. Foi, então, organizado um evento que representasse não só esse fato em si, mas a história de nossa comunidade, Porto de Trás, que também emergiu de muita resistência.

No ano 2000, foi definido que no dia 22 de abril todas as manifestações culturais que existissem em nosso município seriam levadas às ruas para serem apresentadas em um só lugar de Porto de Trás. Durante o evento se apresentam

vários grupos da cidade, como por exemplo: Volta da Jiboia, que é uma tradição oral passada de mãe para filha, onde pessoas dançam com a cobra jiboia feita de pano, fazendo movimentos, conforme a música: *Olha volta da jiboia, se mamãe quiser, ela vai se abaixar, se mamãe quiser*. Tendo como guardiã a Mestra Dona Mãezinha, moradora do Quilombo Urbano do Marimbondo.



IMAGEM 6 – Dona Neti, Dona Mãezinha, Dona Afra.
Fotografia: Itacaré Urgente, 2023.



IMAGEM 7 – Grupo Volta da Jiboia, dançando.
Fotografia: Itacaré Urgente, 2023.

O grupo de Capoeira que na época era os Filhos de Zumbi, com apresentação de Maculelê, Samba de Roda, Puxada de Rede e Roda de Capoeira,

(antigo grupo de capoeira da comunidade, que era coordenado por Mestre Jamaica que já faleceu), também são apresentados. Uma verdadeira festividade.



265

IMAGEM 8 - Grupo de Capoeira, Tribo do Porto.
Fotografia: Itacaré Urgente, 2023.

Já na parte da tarde ocorre a *lavagem do Porto de Trás*, com as filhas e filhos de santo do terreiro de Naná, Mãe Julia. Para a lavagem da rua, é utilizado banho de cheiro com alfazema, boldo, aroeira e outras ervas, como também pipoca.



Diante do sucesso que foi o evento nos anos 2000, os criadores e fundadores José Domingos e Anadilson Rocha, em parceria com o terreiro de Nanã e, também a visibilidade que o evento trouxe para nossa comunidade, não poderíamos deixar que esse evento terminasse. Pensando nisso, tivemos uma reunião com toda a comunidade e ficou definido que o evento mudaria a data, que antes era 22 de abril e passaria a ser realizado no dia 16 de dezembro do mesmo ano, que é o Aniversário do nosso quilombo, e por esse motivo o nome *lavagem do porto de trás*.

Com isso, vale salientar que no ano de 2024 festejamos a 26ª edição, isso porque no ano de 2000 tivemos a 1ª edição no dia 22/04/2000 e, no mesmo ano, no dia 16 de dezembro a 2ª edição. Ou seja, ainda no ano de 2000 tivemos 2 comemorações da *lavagem do Porto de Trás*, com todas essas manifestações populares.

A lavagem do porto de trás é a grande demonstração de resistência do patrimônio cultural afro-brasileiro e quilombola de Itacaré. Enxergamos no evento, embora novo comparado ao *Rancho do Bicho e do Caçador*, um potencial cultural enorme de nossa comunidade, onde seguimos unidos, valorizando e cultivando nossas raízes e mantemos viva nossas histórias e tradições, com muitas festividades, músicas e culinárias. Há muita arte entre nós, quilombolas.

Considerações Finais

A realização deste artigo se tornou possível devido a Pesquisa de Escuta outrora realizada, onde fui colhendo, dentro da comunidade, memórias de nosso povo, bem como registrando as manifestações. A pesquisa de campo se mostrou necessária do ponto de vista da documentação. O processo de percorrer esses caminhos de arte e cultura quilombola foi uma experiência de rememorar a minha

cultura. Mergulhar na história viva que resiste há anos me fez compreender que nossas narrativas são mais do que memórias do passado: são sementes que brotam no presente e projetam o futuro.

Desde pequena, fui envolvida pelas histórias contadas pelos meus familiares, pelos ritos e pelas tradições que sustentam a identidade do nosso povo. Ao longo dos anos, percebi que muitas dessas narrativas são desconhecidas ou mal interpretadas pela sociedade, tornando ainda mais essencial registrar e compartilhar essas memórias dentro da academia. Cada canto, cada rito, cada gesto carregado de significado revela um modo de existir, de ser arte, e que resiste ao tempo, preservando uma identidade que a sociedade, por tantas vezes, tentou apagar.

O quilombo do Porto de Trás é um verdadeiro berço de saberes ancestrais, onde a história não se limita aos livros, mas pulsa na memória coletiva, transmitida com zelo e resistência. Através desse artigo, pude perceber a importância de documentar e compartilhar essas narrativas, não apenas para preservar nossa identidade, mas também para dar visibilidade às lutas e conquistas que nos trouxeram até aqui. E para as demais sociedades, este material contribui para um repertório mais diversos e representativos, ampliando o conhecimento sobre os quilombos e suas dinâmicas. Muitas vezes, os livros didáticos retratam nossa história de maneira superficial ou limitada, ignorando a riqueza das nossas experiências e saberes. Por isso, ao escrever sobre as tradições de minha comunidade, ajudo a preencher lacunas e a proporcionar um olhar mais sensível e realista sobre nossa existência.

Escrever sobre os ritos e tradições da minha comunidade também é um ato de afeto e pertencimento. Cada linha desta pesquisa carrega memórias de infância, imagens de festas, cantos e celebrações que fazem parte da minha trajetória. É também uma forma de retribuição, pois ao compartilhar essas histórias, inspiro outras pessoas a reconhecerem a importância da nossa cultura e a se engajarem na sua preservação. Por fim, aponto que entender e compartilhar esse legado é

um compromisso com a memória, a identidade e a diversidade negra/quilombola. É garantir que a arte e a cultura continuem a ser instrumentos de emancipação e que as vozes quilombolas, ecoando através das gerações, nunca sejam silenciadas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cogobó, 2019.

LINKE, Paula Piva. Manifestações populares: cultura, memória e patrimônio. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

MARTINS, Leda Maria. A cena em sombras. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NUNES, J. V. F. DA PESQUISA DE ESCUTA À CENA PERFORMÁTICA. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1–12, 2021. DOI: 10.21680/2595-4024.2021v4n1ID24003. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/24003>. Acesso em: 13 fev. 2025.

NUNES, João Vítor Ferreira. Saberes das mulheres, com curas e aberturas de caminhos: as histórias contadas pelas minhas mais velhas, coletadas via pesquisa de escuta. Das Amazônias, [S.l.], v. 5, n. 01, p. 62–75, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6169>. Acesso em: 3 ago. 2022.

NUNES, J. V. F. CARNIFICANDO EM DANÇA AS HISTÓRIAS FEMININAS QUE MORAM EM MIM: A DRAMATURGIA DA ORALIDADE COMO CAMINHO DE CRIAÇÃO. Arte da Cena (Art on Stage), Goiânia, v. 9, n. 1, p. 428–454, 2023. DOI: 10.5216/ac.v9i1.75950. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/75950>. Acesso em: 13 fev. 2025.